

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: LÚCIO DE FRANCISCIS DOS REIS PIEDADE FILHO

TÍTULO: MORTOS ENTRE OS VIVOS: REPRESENTAÇÕES DA LEPROSA NO JORNAL "A CAMPANHA" – PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

AUTORES: LÚCIO DE FRANCISCIS DOS REIS PIEDADE FILHO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq/UEMG

PALAVRA CHAVE: LEPROSA; IMPUREZA; REPRESENTAÇÃO

RESUMO

O presente trabalho traz uma primeira proposta de leitura da representação de doenças nos jornais sul-mineiros da primeira metade do século XX. A pesquisa "Das Moléstias e dos Prodígios" tem sido desenvolvida no Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort, com financiamento do PAPq/UEMG. Justificam a mesma as necessidades de preservação do acervo histórico e de aprofundamento dos estudos sobre o papel dos impressos na construção da vida social do sul de Minas Gerais. Além disso, segundo Glassner (2003), ainda hoje a extensão dos medos humanos em relação à saúde parece ilimitado. A metodologia empregada consiste na investigação, coleta de dados e análise das fontes primárias. Até o presente momento, foram analisadas as 929 edições disponíveis do periódico "A Campanha", dispostas em volumes encadernados que abarcam um período de cerca de trinta anos (1900-1934). A análise dos jornais nos colocou em contato com relatos acerca da hanseníase, a "lepra" de outrora, que sempre aparece como imagem da morte, do medo e do horror. De acordo com Dendle (2001), as sociedades exibem ansiedade aguda com relação à morte, e tal ansiedade remontaria à bíblica repulsa pela lepra. Se, por um lado, nas palavras de Nietzsche, os "doentes e fracos têm a seu favor a fascinação" ([s.d.], p. 282), para Umberto Eco "a doença carrega consigo a feiura" (2007, p. 302). No estudo intitulado "Estética do feio" (1853), de Karl Rosenkrantz, "(...) a doença é causa do feio quando modifica de modo anormal a forma" (apud ECO, 2007, p. 256). Ginzburg aponta que a repulsa inspirada pelos leprosos na Idade Média, que os mantinha à distância, com tendência à marginalização, colocava-os numa condição ambígua, limítrofe, de "objetos de horror", porque a doença, "entendida como símbolo carnal do pecado", desfigura os traços, "quase dissolvendo sua aparência humana" (1991, p. 50). Essas antigas categorias de percepção puderam ser identificadas em artigos do jornal "A Campanha", e mostraram-se perenes ainda no início do século XX. Na crônica natalina "O leproso", publicada aos 4 de janeiro de 1902, Coelho Neto evidencia o isolamento do enfermo: "Encolhido no lar, longe das gentes, canta. A pele roxa tressua, os olhos se encovam – é uma mandrágora viva. A lepra já vai lhe roendo os dedos, os lábios, as pálpebras, as orelhas, e ele, vendo-se aos poucos destruir, sofre calado ou geme solitário". Em matéria da edição de 19 de abril de 1903, ano em que foi publicada uma série de textos acerca da "Cura da Morfeia", leem-se as seguintes considerações: "O morfético, pelo estado especial de sua moléstia, além das úlceras que o mortificam, do aspecto medonho de suas chagas (...), é um exilado da sociedade que dele foge como de um foco epidêmico, já pelo pânico, já pelo asco que causa tão horripilante estado mórbido, e ficando isolado e quiçá entregue ao desprezo de seus concidadãos". Demais excertos desta matéria apontam que o leproso é considerado "um infeliz fora da comunhão social", que vive "em companhia de seus irmãos de infortúnio (...) até que a morte, mais piedosa do que a sociedade, dá-lhe o seu beijo fatídico, e o pobre, que foi sempre um morto entre os vivos, encontra finalmente repouso e abrigo (...)". Tal representação da doença, disseminada através da sociedade sul-mineira, tem sido analisada, em nossa pesquisa, sob a luz de "Pureza e Perigo", obra de Mary Douglas que observa, em diferentes contextos, a noção de impureza, definida como espécie de compêndio de elementos repelidos pelos sistemas ordenados. De acordo com seu trabalho, publicado pela primeira vez em 1966, o impuro seria o que não está no seu devido lugar, "devemos abordá-lo pelo prisma da ordem. O impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se quiser manter esta ou aquela ordem" (1991, p. 55). Nesse sentido, o imaginário da sociedade sul-mineira nos permitiu traçar analogias entre o conceito de impureza e a figura do leproso, por exemplo, a ideia de "morto entre os vivos" – algo que não está em seu devido lugar – e o inevitável isolamento. Essa proposta de análise foi permitida pelos resultados parciais da pesquisa, que se encontra ainda em desenvolvimento.